

---

## A ATUALIDADE DO MODELO DE VON THÜNEN. ALIMENTAÇÃO EM TEMPOS DE (DES)GLOBALIZAÇÃO E CONSUMO DE PROXIMIDADE

Francisco Miguel Pedro Magalhães

Centro de Estudos Geográficos (CEG)  
Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa  
magalhaesfrancisco@edu.ulisboa.pt

Recibido: 08/05/2020; Devuelto para revisión: 13/05/2020; Aceptado: 05/01/2021

---

A atualidade do modelo de Von Thünen. Alimentação em tempos de (des)globalização e consumo de proximidade (Resumo)

A presente investigação visa averiguar a validade do modelo de von Thünen na atualidade. Para tal, analisam-se duas circunstâncias distintas, que parecem reconduzir à validade deste modelo de organização do solo agrário: a globalização e os processos de fragmentação que dela advêm (dos quais o Brexit constitui um excelente exemplo) e o surgimento de circuitos de proximidade, como resposta às preocupações crescentes com a qualidade e segurança alimentar. Ambos os fatores se conjugam na contemporaneidade, sugerindo que o modelo de Von Thünen volta a ter uma forte aplicabilidade no ordenamento do território do século XXI. A investigação tem um carácter sobretudo teórico e exploratório, focando a reflexão na situação dos países europeus, fazendo referência muitas vezes à situação portuguesa.

**Palavras chave:** (Des)globalização; alimentação; desenvolvimento territorial integrado; sistemas de agroalimentares locais; modelo de Von Thünen

---

The validity of Von Thünen model in contemporary times. Feeding in times of (dis)globalization and proximity consumption (Abstract)

The present investigation aims to verify the validity of von Thunen's model nowadays. To this purpose, two different circumstances are analyzed, which appears to lead to the validity of this model that considers an organization of agrarian soil: globalization and fragmentation processes that results from it (the brexit process is a good example) and the emergence of circuits of proximity, in response to growing concerns about food quality and food safety. Both factors are combined in the contemporary world, suggesting that von Thunen's model is again highly applicable in the 21st century spatial planning. This investigation is mainly theoretical, focusing on the reflection about the European countries, often referring to the Portuguese situation.

**Key words:** (De)globalization; alimentation; integrated territorial development; local food systems; Von Thünen's model

## Notas introdutórias em torno da alimentação

O presente texto propõe uma viagem por um dos temas que ocupa, indubitavelmente, as mais elevadas preocupações da sociedade do século XXI: a alimentação.

Embora os problemas de fome ainda existam, a alimentação vai muito além dessa questão. Numa sociedade onde “los pobres son gordos y delgados los ricos”,<sup>1</sup> a alimentação é tema de primada importância para qualquer cidadão, transversal à saúde e qualidade de vida, cultura e ordenamento do território. As variáveis são complexas e não se ambiciona por estas linhas abordar todas. Daqui importa reter as seguintes três dimensões que quem agora vos escreve optou por destacar. Primeiramente, a qualidade alimentar, deve entrar seriamente nas preocupações de todos os que diariamente comem –todos nós, portanto. Claro está que tal não implica que sejam olvidados os problemas de fome e de obesidade, ou seja, da quantidade do que se come. Em segundo lugar, a alimentação deve ser pensada como elemento de afirmação identitária. Para este fim deve ser fomentada uma complementaridade crescente entre os Sistemas Alimentares Locais (SAL), que assentam numa produção de proximidade consumidor-produtor, onde há uma maior consciencialização do consumidor quanto a questões ambientais, económicas e culturais, e os Sistemas Alimentares Globais (SAG). Concomitantemente, os Sistemas Alimentares Locais integram uma lógica de ordenamento do território, promovendo uma integração e interação entre áreas urbanas e áreas rurais. Neste sentido, questões ligadas ao setor agroalimentar devem ser de elevada importância. Encarar a alimentação como um bem ou direito é exigir do setor agroalimentar a disponibilização de alimentos de qualidade.

Paralelamente a estas questões, ganha expressão um processo inerente, segundo Haesbaert e Limonad (2007), à globalização: a fragmentação. Esta fragmentação tem assumido contornos complexos que sugerem uma crescente fragmentação da União Europeia e o ressurgimento das velhas fronteiras dos Estados-nação.<sup>2</sup> Com este processo ressurgem a centralidade da soberania alimentar.

Ambos os processos, que se desenvolvem fruto de circunstâncias diferenciadas, conduzem a uma necessidade de ordenar os solos, tendo em vista o retomar do setor agroalimentar nas escalas regionais. Há uma necessidade de reterritorializar as produções nos territórios onde os alimentos são consumidos. Para tal, o modelo de Von Thünen parece constituir uma base teórica sólida, que propõe uma distribuição das ocupações do solo agrário, tendo por base a proximidade ao centro de consumo.

Uma abordagem ao tema da alimentação e do setor agroalimentar pode afigurar-se uma atividade infundável e bastante complexa. Daí, há a necessidade, no presente trabalho de delimitar bem o percurso a percorrer e os objetivos que se deseja atingir.

A presente investigação visa analisar e reposicionar a teoria de Von Thünen como um modelo de primada importância por entre a teoria da Geografia e da sua aplicação ao ordenamento do território, tendo por base novas realidades do sistema agroalimentar, a saber: o avanço dos nacionalismos e a fragmentação da União Europeia, conduzindo a uma preocupação crescente com a soberania alimentar, e o incremento dos Sistemas Alimentares Locais, numa resposta às novas preocupações dos consumidores.

---

<sup>1</sup> Aduriz e Innerarity, 2012: 15

<sup>2</sup> Chagas, 2018

Para tal, torna-se indispensável explorar conceptualmente o modelo de Von Thünen, abordando as suas origens, a sua teoria, as diferentes escalas a que se aplica e as atenções necessárias de ter aquando da sua aplicação. É igualmente imperativo a análise conceptual dos conceitos de globalização, fragmentação e nacionalismo, tendo como objetivo estudar a pertinência da aplicação de um modelo de distribuição das atividades agrárias –o modelo de Von Thünen–, face a estas novas realidades que reconduzem a uma emergência da ideia de soberania alimentar. Questionar a validade do supracitado modelo não podia deixar de passar por um indagar das questões relativas às novas dinâmicas de consumos de proximidade que têm, nos últimos anos, ganhado expressão significativa. Neste sentido, faz uma reflexão sobre os Sistemas Alimentares Locais e das suas múltiplas implicações a nível territorial, enquadrando-os numa perspetiva onde o modelo de Von Thünen assume um papel cimeiro num ordenamento territorial que tem em vista integrar esta nova realidade socioeconómica do setor alimentar.

O estudo que agora se apresenta, inicia-se por uma explicação e por algumas reflexões relativas ao modelo de Von Thünen. De seguida, faz-se uma análise geopolítica da Europa e do retomar da necessidade de uma soberania alimentar, o que passa por um incremento do setor agropecuário. Em terceiro, apresentam-se as novas tendências de consumo alimentar e o posicionamento dos Sistemas Alimentares Locais como de elevada importância para o setor agroalimentar. Termina-se com uma conclusão onde se pretende alertar para a importância do tema, onde a sua aplicação a nível territorial deve levar em conta os princípios do modelo de organização dos solos agrários do economista Johann Heinrich von Thünen.

### **O modelo de Von Thünen**

Em 1826, no seu livro *O Estado Isolado*, Von Thünen estabeleceu uma tendência para a distribuição das produções agropecuárias em torno de uma povoação central, segundo as vantagens de localização dos diversos usos de solo. Neste sistema, claro está, o principal fator levado em conta é a distância produção-consumidor, pelo que a proximidade a uma via de comunicação (rio) pode interferir com a geometria perfeitamente circular que se apresenta teoricamente num esquema onde se pressupõem iguais condições de acessibilidade para os diferentes pontos – distância de transporte.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Harvey, 1966; Ferreira, 1975

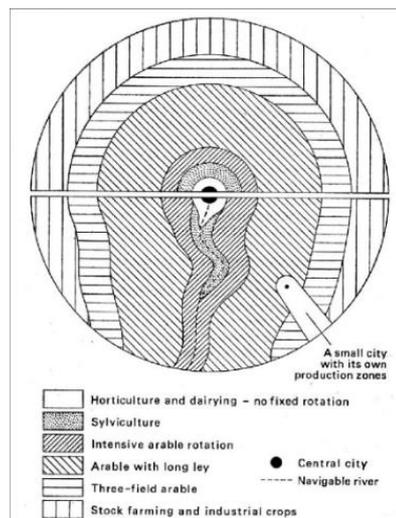


Figura 1. Modelo de Von Thünen.

Fonte: Wilson, 2009: 733 cit. Chisholm, 1979.

Segundo o modelo de Von Thünen, os tipos de produção agrícola dispõem-se em torno de uma localidade central em seis anéis. Estes anéis respondem à distância entre a produção e a localidade, encarada como o centro de mercado, tanto relativamente à questão do transporte, como relativamente ao preço do solo. Assim sendo, no primeiro anel os solos dedicam-se à horticultura e criação de gado leiteiro, no segundo à silvicultura, no terceiro instalam-se as culturas de rotação, no quarto existe cultura de cereais e pastoreio, no quinto cereais de produção sazonal e no sexto criação de gado em regime de pastoreio<sup>4</sup> (figura 1)<sup>5</sup>.

Não podemos, contudo, considerar o modelo apenas nesta escala. Deduções a partir deste modelo devem ser feitas, aplicando-as a diferentes escalas: local, regional e nacional, tal como fez Jorge Gaspar, explorando este modelo a propósito da organização do uso do solo tendo por base o transporte fluvial como fator preponderante na distância- tempo ao centro de consumo - Lisboa,<sup>6</sup> ou até à escala europeia (figura 2).

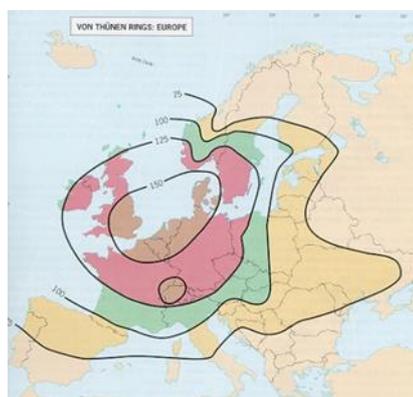


Figura 2. Modelo de Von Thünen deduzido à escala europeia.

Fonte: CBC, Indiana State University, Department of Life Sciences.  
Disponível em: [http://mama.indstate.edu/users/geboen/ch7\\_f99.html](http://mama.indstate.edu/users/geboen/ch7_f99.html)

<sup>4</sup> Hall, 1966

<sup>5</sup> Wilson, 2009

<sup>6</sup> Gaspar, 1970

A dedução do modelo a diferentes escalas não pode deixar de compreender as distintas formas de funcionamento das distâncias –tempo e custo nessa dimensão multiescalar. No caso da escala nacional, por exemplo, a influência da distância-custo é seguramente maior, dado que os centros da economia se interessam por consumir mais barato em detrimento de algum acréscimo à distância-tempo. Já na escala local e regional, seguramente, pela questão da concentração de mão de obra, a distância-tempo assume um papel fulcral. Jorge Gaspar ilustra esta cautela que é necessária ter com a produção de azeite em Portugal: “não se poderá aqui confundir a localização da oliveira em função do grande mercado com aquela que ocupa em função da concentração do trabalho. No primeiro caso ela está mais longe porque o transporte de azeite é barato relativamente ao seu valor; no segundo caso ela estará antes do cereal, pois ocupa um número maior de horas de trabalho”.<sup>7</sup>

Outra componente a ter em conta na análise territorial com base no modelo de Von Thünen é a sua adaptação a fatores que provocam distorções no modelo: as de ordem ecológica (fertilidade dos solos, barreiras físicas etc.), a existência de um outro centro económico menor e a existência de impactos de ordem cultural. Todas estas distorções interagem, criando realidades complexas que fogem à configuração circular dos anéis. Não obstante tais distorções, deve ter-se em conta que o modelo é uma base ótima para se iniciar o estudo do problema, permitindo uma sistematização das observações.<sup>8</sup>

As distorções que interferem no esquema circular do modelo, apesar de serem de vária ordem, estão sistematizadas numa adaptação que Richard Peet<sup>9</sup> faz à figura clássica do modelo de Von Thünen (figura 3).

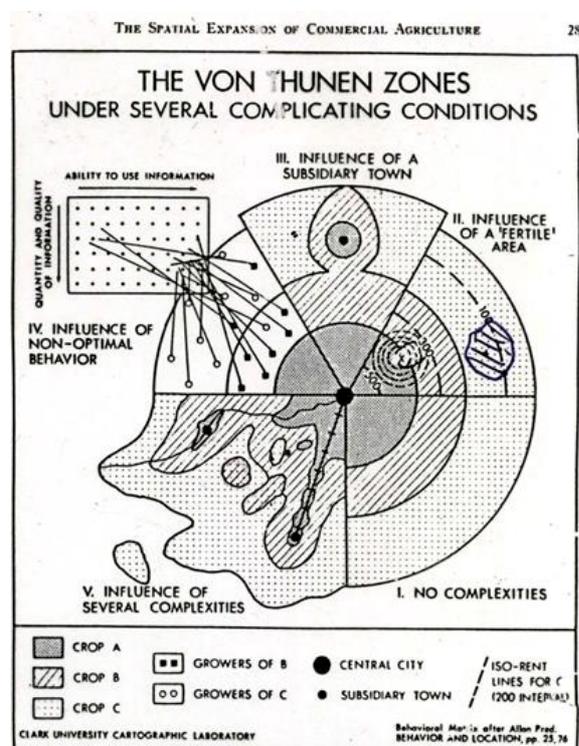


Figura 3. Modelo de Von Thünen adaptado a algumas perturbações.

Fonte: Richard Peet, 1969: 292.

<sup>7</sup> Gaspar, 1970

<sup>8</sup> Gaspar, 1970: 169

<sup>9</sup> Peet, 1969

Há ainda que referir que, devido ao facto do modelo se basear na existência de um único centro de mercado, quanto mais macro é a escala a que o modelo se deduz, menor é a sua validade. As interferências acumulam-se, nomeadamente a existência de diversos centros de comércio, as distorções ecológicas e socioculturais, configurando inúmeras perturbações do modelo, condenando a sua validade. Tal torna-se evidente aquando de uma dedução à escala europeia, onde o centro de comércio considerado será a blue banana, servida pelos territórios envolventes, aí entendidos como periféricos. Neste caso, a validade do modelo esvanece, pois, a sobreposição de múltiplos centros de comércio com diferentes escalas e as condições ecológicas e culturais assumem um papel significativo, dificultando a padronização de uma tendência.

Poder-se-ia dizer, a uma primeira vista, que este modelo, pelo avanço das tecnologias de transporte e comunicação que potenciaram a compressão espaço-tempo, diminuindo os custos e tempos de transporte dos alimentos entre diferentes países, perdeu a sua validade, tornou-se obsoleto. Parece que pelo meio do mercado global e, no caso da União Europeia, com a criação de um espaço de livre circulação de bens, o modelo de Von Thünen perde a sua validade. Vamos ver se, no setor agroalimentar, de facto assim acontece.

## **A atualidade do modelo de Von Thünen em tempos de (des)globalização: o século XXI europeu**

Sou entusiasticamente europeu; ninguém minimamente informado iria querer regressar ao ciclo de nações introvertidas e desconfiadas, antagonistas e permanentemente em pé de guerra, que era o continente europeu num passado muito recente. Tudo o que nos afaste dessa Europa é bom, e quanto mais, melhor. Mas uma coisa é pensar que um desfecho é desejável, outra, bem diferente, é supor que é possível.

Tony Judt, 2012

Globalização é um termo que remete para uma ideia de homogeneização sociocultural, económica e espacial, que no limite levar-nos-ia a um espaço global despersonalizado. Há que ter em conta que este fenómeno só foi possível pelo avanço das tecnologias, que permitiram uma aceleração da velocidade de circulação de bens, pessoas e serviços, integrando os territórios a uma escala global – territórios rede e espaços de fluxos.<sup>10</sup>

“Há que considerar, porém, que tal ideia de homogeneização é falsa”.<sup>11</sup> O processo que hoje nominamos como globalização tem de ser olhado a vários níveis e afeta de diferentes formas os diversos segmentos socio espaciais. Para a análise do processo há que considerar, pelo menos, dois níveis fundamentais: um de natureza mais económica e outro de natureza política, social e cultural.

No plano estritamente económico pode-se dizer que a globalização é um processo que visa melhorar o aproveitamento dos recursos do planeta e, conseqüentemente, melhorar as condições de vida da população mundial - vale-nos aqui, para uma explicação mais detalhada, a conhecida teoria das vantagens comparativas de David Ricardo. Já no plano social, cultural e político, o problema assume contornos mais complexos. Em termos políticos, a ideia de globalização significaria a existência de um governo global. Embora haja instituições que aspiram

<sup>10</sup> Castells, 2009

<sup>11</sup> Haesbaert y Limonad, 2007: 40

a concretizar essa difícil tarefa de regular o funcionamento político global ou macrorregional – refiro-me às Nações Unidas e à União Europeia, por exemplo –, a verdade é que essa coordenação se tem afigurado bastante difícil. A macro regionalização política, significa uma dissolução da unidade política que é a base da ordem mundial: o Estado. O Estado provém de uma apropriação do espaço geográfico, configurando assim o seu território e talhando as suas fronteiras. Dotados da sua imprescindível componente territorial, os estados são entidades com uma base identitária, cultural e social parecida. Há, com essa criação de uma identidade interna, o surgimento da relação dicotómica nós/os outros. A identidade nacional é contrária à ideia de uma globalização homogeneizadora, daí ser muito perigosa e controversa a questão da dissolução do papel das nações; nações estas que, quando têm a necessidade de se defender do exterior e de criar uma homogeneidade interna, recorrem a uma exacerbação, através de processos culturais identitários, do espírito nacional. Este é o fenómeno que está na base de populismos e nacionalismos.

O enfraquecimento do papel dos estados-nação, teve duas consequências distintas: nalguns casos o Estado deixou de conseguir manter uma coesão nacional, dando lugar a disputas regionais dos lugares para se globalizarem, enquanto noutros casos foram retomados os nacionalismos em nome da preservação e defesa da identidade nacional.<sup>12</sup>

Mormente, há que levar em conta que a globalização afeta de diferentes formas os diversos segmentos socio espaciais. O desenvolvimento desigual é uma realidade associada ao processo de globalização, acirrando-se a exclusão socio espacial; a fragmentação. Fragmentação e globalização são assim duas faces de uma mesma moeda. Este desenvolvimento económico desigual foi traduzido por Immanuel Wallerstein na sua teoria do sistema-mundo, onde ele divide os territórios em centros, semiperiferias e periferias.<sup>13</sup>

A fragmentação pode ser de dois tipos: a inclusiva, que visa fragmentar para melhor globalizar, da qual é exemplo a criação de blocos económicos macrorregionais, tais como a União Europeia; e a desintegradora, que pode ser fruto dos processos de globalização e fragmentação, ou de uma mobilização em torno de propostas de contra globalização<sup>14</sup> –“localismos globofóbicos”.<sup>15</sup> Estas resistências, que têm motivações e ideologias diversas, bem como as segregações que advém diretamente do processo de globalização, reforçam as desigualdades, promovendo a exclusão e constituindo, assim, o polo oposto dos processos homogeneizadores.

A União Europeia, bloco macrorregional que surge da intenção de fragmentar para melhor globalizar, parece agora entrar em falência, resgatando-se as “velhas” fronteiras dos estados nação. Após a segunda grande guerra, surgia uma tentativa de cooperação económica e socio cultural entre os diferentes países europeus. Em 1951 surge a Comunidade Europeia do Carvão e do Aço, evoluindo, em 1958 para a Comunidade Económica Europeia. Em 1986, após os GNR já terem apelado “quero ver Portugal na CEE”, Portugal e Espanha entram para a Comunidade Económica Europeia, que mais tarde se viria a transformar na atual União Europeia. Esta adesão dos países a um bloco macrorregional, abrindo as suas fronteiras e deslocando algumas competências a vários níveis, “ha quebrado la vieja fórmula del Estado-nación en el que las

---

<sup>12</sup> Haesbaert y Limonad, 2007

<sup>13</sup> Wallerstein, 2004

<sup>14</sup> Haesbaert y Limonad, 2007

<sup>15</sup> Ferrão, 2003

funciones, instituciones y sistemas de representación coincidían dentro de las mismas fronteras, con lo que realizaba la política interior y se reforzaba la integración estatal”.<sup>16</sup>

Surgem hoje, no seio da União Europeia, projetos nacionalistas que assentam os seus fundamentos em aspetos que sempre foram passando ao lado desta entidade macrorregional.<sup>17</sup> Esta experiência cosmopolita não foi capaz de dar origem a um povo novo –um povo europeu “com um sentimento generalizado de fazer parte de uma mesma comunidade política e com valores fundamentais partilhados. E, sem povo, não há uma democracia estável, nem Estado-social, nem uma identidade abrangente, seja ela nacional ou europeia”.<sup>18</sup> Sendo que, hoje, os movimentos nacionalistas parecem seguir um caminho que o projeto europeu não contemplou: “o de uma consciência de nação muito mais arreigado do que um sentimento europeu, [que resgata] a temática das fronteiras, fortemente elevada com as recentes questões da Crimeia (2014), do Brexit (2016) e do referendo unilateral de independência encampado pelos catalães (2017)”.<sup>19</sup> “No mundo de há duzentos anos, o nacionalismo atraiu a população porque foi visto como libertador face a uma forma de governo aristocrática, cosmopolita e tirânica. Esquecem que foi –e está a voltar a ser– uma forma de protesto contra a injustiça, as más condições materiais ou a falta de representação política. Hoje podemos estar a assistir a um processo histórico parecido de consequências imprevisíveis”.<sup>20</sup>

O retomar das fronteiras dos velhos Estados-nação europeus quebra a livre circulação de bens e pessoas.<sup>21</sup> Com esta nova realidade surge a componente económica das fronteiras, traduzindo-se isso na necessidade de apresentação de declarações aduaneiras de importação e de exportação e na obrigação de pagamento de direitos de importação e demais imposições.<sup>22</sup> Sendo que tal conjuntura terá impacto nos diferentes setores económicos dos países, o setor agroalimentar não será de descorar. Se a dada altura se podia, com a supressão das barreiras económicas, falar de uma produção e abastecimento alimentar integrado a nível europeu, objetivo que as várias versões da Política Agrícola Comum (PAC) tentaram cumprir, hoje, com o retomar das fronteiras, essa ideia desaparece.

Com uma integração europeia podia-se falar de uma dedução do modelo de Von Thünen a essa escala, que ditasse a organização das atividades agropecuárias no território tendo em conta as vantagens locais face aos grandes centros de consumo e as respetivas distorções ecológicas que haveria de incorporar no modelo. Tal como já foi dito acima, o modelo, quanto mais macro a escala a que se deduz, é menos representativo. Não obstante isso, seria interessante a escala europeia servir-se dele como referência. Contudo, com o avanço dos nacionalismos, a fragmentação europeia, o retomar das fronteiras e as consequentes dificuldades de circulação de bens que daí advêm, a soberania alimentar ressurge como um tema central nas preocupações sociais, económicas e políticas. Assim sendo, a análise multiescalar de nível local, regional e

---

<sup>16</sup> Keating, 2012: 91

<sup>17</sup> Keating, 2012: 91

<sup>18</sup> Fernandes, 2017: 47

<sup>19</sup> Chagas, 2018: 270

<sup>20</sup> Fernandes, 2017: 40-41

<sup>21</sup> Repare-se que, com a crise sanitária despoletada pela Sars-Cov2, foram sentidas algumas consequências a este nível, trazendo para cima da mesa assuntos como o que se debate aqui: a soberania alimentar. Esta realidade está, seguramente, imbricada com o tema do presente texto, contudo ela não é alvo de análise por não haver ainda distância suficiente desse momento para ele ser alvo de reflexão de uma forma sistemática.

<sup>22</sup> Consequências que estão bem traduzidas no recente processo do Brexit.

nacional, parece afigurar-se como determinante, num futuro próximo, para o setor agroalimentar, assistindo-se a uma reconfiguração do modelo da distribuição das atividades agrárias de Von Thünen como central para o planeamento e ordenamento do território nacional. Claro está que não se pode deixar de levar em conta os progressos tecnológicos que se fizeram sentir no setor dos transportes, encurtando as componentes tempo e custo nas distâncias. Não obstante este facto, quando nos deparamos com uma realidade socioeconómica onde a soberania alimentar reassume um papel fulcral, ordenar o território, visando um incremento na produção agroalimentar nacional, tem de passar por uma análise tanto do valor do solo como das distâncias aos centros de consumo. Para isso, o modelo de Von Thünen apresenta-se como uma base teórica importante, que deve ser considerada tendo em conta as suas ideias-chaves, adaptando-as à atual conjuntura.

### **Sistemas Alimentares Globais (SAG) e Sistemas Alimentares Locais (SAL): o modelo de Von Thünen, a qualidade alimentar e o desenvolvimento rural**

Jan Douwe van der Ploeg diferencia os tipos de produção agrícola em dois: o tipo capitalista e a agricultura familiar, que por sua vez se subdivide em empresarial e camponesa.<sup>23</sup> Nas últimas décadas, o setor agroalimentar tem sido marcado por lógicas capitalistas globais, onde a produção é caracterizada por ser intensiva, especializada e integrada nas agroindústrias de grande distribuição –Sistemas Alimentares Globais (SAG). Os SAG priorizam os baixos preços dos produtos, numa tentativa de se tornarem mais competitivos numa lógica agroalimentar capitalista, e promovem uma homogeneização das dietas, desrespeitando os tempos e os espaços dos alimentos, criando-se um distanciamento entre geografias e alimentação.<sup>24</sup> Contudo, hoje, as preocupações dos consumidores (pelo menos no que à alimentação diz respeito) parecem ir muito além da questão do preço. Em resposta aos SAG, surgem as Alternative Food Networks (AFN). As AFN são caracterizadas por considerar componentes como a agricultura de base orgânica, o comércio justo e local, a produção de alimentos de qualidade e o cultivo de alguns alimentos premium.<sup>25</sup> Há a criação de uma proximidade entre produção e consumo a nível espacial, económico, cultural e social, promovendo uma inclusão dos alimentos no seu contexto sócio territorial. Este sistema de produção agroalimentar exige e promove uma consciencialização por parte do consumidor face às dinâmicas territoriais, ambientais, económicas e culturais das produções. O incremento destas redes alternativas, em detrimento do mercado agroalimentar global, têm-se afirmado muito devido à crescente preocupação com a qualidade alimentar –“turn to quality”.<sup>26</sup> As AFN começaram a ganhar um peso significativo face aos SAG. Esta tendência começou por se verificar primeiro em países como o Japão e Estados Unidos da América, expandindo-se para países da Europa do Sul, com especial relevo em países como Itália, Espanha, Portugal, França, Bélgica e América Latina (Brasil e Argentina).<sup>27</sup> A crise de confiança na agroindústria e a crescente preocupação com a qualidade e segurança alimentar são uma realidade. Claro está, que face a esta nova conjuntura, os SAG tentaram reagir,

---

<sup>23</sup> Van der Ploeg, 2008

<sup>24</sup> Goodman et al., 2017

<sup>25</sup> Goodman et al., 2009

<sup>26</sup> Goodman et al., 2009: 212

<sup>27</sup> Van der Ploeg et al., 2012

criando campanhas publicitárias focadas na qualidade e no sentimento de proximidade ao produtor. Para nos depararmos com isso basta olharmos algumas das campanhas levadas a cabo pelas maiores empresas do setor alimentar português (figura 4). Contudo, estas campanhas não foram capazes de parar a crescente procura pelas AFN's. Nestas redes alimentares alternativas ao SAG, a proximidade produtor-consumidor afigura-se como fundamental. Este movimento de aproximação entre a produção e o consumo, tem sido estudado por alguns autores, resultando numa multiplicidade de conceitos. “Apesar da diversidade de conceitos, a noção mais abrangente que enquadra todo este movimento em torno da aproximação produtor-consumidor é o conceito de Sistema Alimentar Local”.<sup>28</sup> Os Sistemas Alimentares Locais (SAL) caracterizam-se por, na produção, transformação, distribuição e consumo de bens agroalimentares, haver uma integração dos processos, melhorando a economia, o ambiente e a saúde cultural e social de um território específico.<sup>29</sup>



Figura 4 - Campanhas publicitárias de hipermercados portugueses

O sucesso dos Sistemas Alimentares Locais está de sobremaneira dependente do papel ativo dos consumidores. A sua consciencialização a nível dos problemas ambientais, económicos, territoriais e culturais é condição necessária para a existência dos SAL. Contudo, a proximidade produtor-consumidor também é promotora dessa consciencialização do consumidor face às consequências da produção agroalimentar.<sup>30</sup> Por entre as preocupações dos consumidores há a destacar a procura de good food, priorizando a qualidade face ao preço –“turn to quality”–, a atenção relativamente aos impactos ambientais da produção agroalimentar, a vontade de promover uma economia de comércio justo e a preservação de costumes alimentares

<sup>28</sup> Tibério et al., 2013

<sup>29</sup> Feenstra, 2002; Cristóvão y Tibério, 2009; MAMAOT, 2013

<sup>30</sup> Baptista et al., 2013

identitários que se diferenciam no espaço e no tempo. Podemos assim falar de uma ética do cuidado,<sup>31</sup> assente em princípios como as produções ao ar livre, as produções não-intensivas, a não utilização de pesticidas e consumo de bens alimentares enquadrados no seu contexto territorial e sazonal, promovendo uma valorização da identidade territorial.<sup>32</sup>

Com a existência destas preocupações, que amiúde se tornam exigências da parte dos consumidores, os Sistemas Alimentares Locais apostam em fornecer bens alimentares de alta qualidade, produzidos de maneira ambientalmente sustentável e enquadrados no espaço e no tempo de produção e consumo. Sendo que os consumidores estão apostados em priorizar a qualidade dos alimentos e em comer o que se colhe no espaço e na estação do ano em que se está, há um incremento dos Sistemas Alimentares Locais, assentes numa economia da qualidade. Este incremento dos Sistemas Alimentares Locais pode ser profícuo a variados níveis. Por estas linhas já se veio falando da importância da qualidade dos produtos e da segurança alimentar, contudo as vantagens vão muito além disso. Gostava agora de destacar duas delas: o desenvolvimento dos espaços rurais a nível económico e paisagístico, integrando um ordenamento do território assente no estreitar de relações entre a cidade e o campo, e a afirmação identitária dos lugares, com base nos seus costumes, no que concerne à temática da alimentação e nas produções agroalimentares de produtos territorialmente diferenciados.

No caso português, o desenvolvimento do espaço rural está em muito dependente do setor primário, dado que é o único em que se consegue diferenciar – “a agricultura tem de ter uma importância capital –«corpo» e não «adorno»– no meio rural”.<sup>33</sup> Muitas têm sido as soluções pensadas e propostas para o desenvolvimento do espaço rural, contudo os resultados não têm sido significativos. A demografia nacional concentra-se cada vez mais nas duas áreas metropolitanas, sendo que as cidades médias, que há uns anos tinham alguma expressão, têm-na vindo sucessivamente a perder. É, portanto, imperativo pensar o desenvolvimento dos territórios rurais, ditos abandonados, numa lógica de interação com a cidade. É essa ponte que, a propósito dos Sistemas Alimentares Locais, assentes num consumo de proximidade, se pode com este pretexto estabelecer, promovendo um desenvolvimento integrado e sustentável. A refuncionalização dos territórios outrora abandonados vítima do significativo decréscimo da expressão da atividade agrícola é, entre outros, um dos mais interessantes projetos que podem surgir a propósito dos Sistemas Alimentares Locais.

Não obstante tudo isto, não podemos cair na tentação de pensar que o Sistema Alimentar Local consegue responder na totalidade às necessidades alimentares do respetivo território. Eles devem ser conjugados com uma lógica de abastecimento global. Contudo, embora eles representem uma pequena parte dos consumos, a sua importância é inegável. Importância essa que se estende ao papel cultural e identitário dos alimentos. A afirmação das diferentes dietas alimentares constitui uma oportunidade de afirmação das identidades territoriais, promovendo uma interação a vários níveis entre povos e culturas. Daí a necessidade de comer e conhecer as produções locais, nas suas respetivas distribuições sazonais.

Mormente, os Sistemas Alimentares Locais, através da refuncionalização das áreas agrícolas, contemplam a recuperação das paisagens e da biodiversidade no entorno das povoações. Tudo

---

<sup>31</sup> “Ethics of care” é uma expressão utilizada no texto *Alternative Food Networks* de Goodman et al., 2009: 213.

<sup>32</sup> Goodman et al., 2009

<sup>33</sup> Moreno, 2007: 237

isto confluirá num melhor ordenamento do território de base sustentável e com maior potencialidade na resposta às alterações climáticas e às situações de risco (figura 5).



Figura 5. As múltiplas dimensões contempladas pelos Sistemas Alimentares Locais.

Fonte: Elaboração própria

Numa economia de base territorial, como a que os SAL promovem, há a necessidade da ocupação do solo e conseqüentemente do ordenamento dessa ocupação. Para pensarmos esse ordenamento podemos adotar duas posições distintas: uma ecológica, que determina as ocupações a dar ao solo tendo por base as características edafoclimáticas dos territórios, não contemplando a dimensão relacional, e uma postura locacional, onde a ocupação dos solos se diferencia tendo por base a proximidade ao centro de consumo. Nesta perspetiva locacional devem também ser integradas as distorções, entre as quais as ecológicas, no sentido de não simplificar a realidade em demasia. Neste sentido, a perspetiva locacional deve ser considerada de máximo interesse no ordenamento do uso dos solos exigido pelos SAL.

Com vista a fazer uma proposta de ordenamento do território, por forma a maximizar as vantagens passíveis de retirar do incremento dos Sistemas Alimentares Locais, há que levar em conta o modelo de Von Thünen. O modelo de distribuição das ocupações dos solos agrários em torno de um centro de consumo, propõe um ordenamento destas atividades com base na proximidade, que tem impactos quer ao nível das distâncias tempo, quer ao nível do valor do solo. Para enquadrar uma relação entre o urbano e o rural,<sup>34</sup> que tem por base os SAL, há que ordenar os territórios envolventes das povoações, no sentido de produzirem de uma forma lógica tendo por base a posição relacional das atividades face ao mercado central que visam abastecer, promovendo uma produção regional sustentável de base ecológica e identitária. A interação neste sistema é de tal forma significativa que podemos falar numa dependência no sentido mais arraigado da expressão.<sup>35</sup>

<sup>34</sup> Enflo y López-Cermeño, 2017

<sup>35</sup> Enflo y López-Cermeño, 2017

Neste caso o modelo de Von Thünen deve ser aplicado com particular interesse pela escala regional, promovendo os consumos e bens alimentares de dada região, tal como fez Michael Chisholm, procurando estudar a organização do solo agrário em torno de uma povoação (Chisholm, 1962). A escala nacional não deve também ser desprezada para culturas de carácter mais homogéneo a esse nível. Já a microescala, a aplicar ao nível da produção/quinta também deve ser retomada, numa economia que requer um acrescento das atividades agrícolas integrada com atividades económicas dos diferentes setores de atividade.

O elevado interesse potencial dos SAL afirma-se a vários níveis, acima explorados, sendo que para pensar a aplicação territorial desta forma de economia, sustentada pelas produções agroalimentares locais, o modelo de Von Thünen se considera de primada pertinência.

### **Entre o Sistema Alimentar Local e o Sistema Alimentar Global: conclusões e o apelo a uma relação necessária**

O que distingue uma paisagem gerida a partir de uma economia de base orgânica, como a que era dominante no Portugal do século XX, de uma paisagem que assenta numa economia aberta, como a atual, é a estrita dependência que a primeira tem do território próximo. Nas economias de base orgânica, quando a população cresce mais depressa que a produção, a fome e a emigração são as principais consequências.”

Henrique Pereira dos Santos, 2017: 11

Com a análise das duas circunstâncias acima apresentadas –o resgate de fronteiras e o surgimento dos SAL como uma dinâmica de relevo na alimentação– pode concluir-se que para ambas a resposta a nível do ordenamento territorial passa pela inclusão dos princípios teóricos do modelo de Von Thünen.

O resgate de alguns âmbitos das fronteiras estatais pode ser, a curto prazo, uma realidade significativa com a qual a Europa se venha a deparar. Tal resgate, entre outras coisas, trará de novo as taxações alfandegárias, ou seja, a dimensão económica das fronteiras. Esta realidade geopolítica, com que nós podemos vir a deparar, reconduzirá à importância da soberania alimentar. Este retomar do rural exigirá um ordenamento dos solos agrários, para o qual o modelo apresentado por meio dessas linhas poderá dar bom contributo.

Tão interessante quanto esta realidade geopolítica, são os novos contornos que assumem os contornos alimentares. Consumidores cada vez mais consciencializados significa uma preocupação crescente com o tema da alimentação; preocupação essa que vai desde a qualidade e segurança alimentar, até à cultura e identidade, passando pela questão ambiental. Esta crescente preocupação com as questões da alimentação traduziu-se num incremento das Redes Alimentares Alternativas. Por entre elas, destacam-se os SAL.

Os SAL representam apenas uma parte dos consumos alimentares do respetivo território, contudo encerram em si dimensões muito interessantes para a promoção de um desenvolvimento bem sustentado no sentido ambiental, económico, paisagístico, cultural e territorial. Tais dimensões devem ser promovidas e enquadradas no ordenamento territorial, encontrando aqui pretexto para propor intervenções que visem um desenvolvimento dos

territórios, com base na maximização das potencialidades oferecidas por esta nova realidade do setor alimentar.

Em ambas as situações, o modelo de Von Thünen, detém, como base teórica, uma enorme capacidade para sustentar um modelo de ordenamento territorial que promova os circuitos curtos de proximidade no setor alimentar; os SAL. Este modelo de interação cidade-campo, afigura-se de particular interesse no caso português, dado a emergência de encontrar soluções realistas para os territórios rurais.

Para finalizar, queria só deixar a nota de que a solução não parece nem passar por um “localismo globofóbico”, nem por uma “globalização uniformizadora”. A verdade é que a alimentação teve, ou ainda está a ter, uma fase em que são privilegiados, pelo baixo preço que conseguem ter, produtos produzidos fora, muitas vezes em circunstâncias menos benéficas ecologicamente, do ponto de vista da segurança alimentar e que recorrem a mão de obra claramente explorada. Com esta reaproximação ao mercado local/nacional, tende-se a equilibrar esta relação entre o comércio local e global que, como já vimos, era claramente desequilibrada em proveito do mercado global. É impossível e talvez indesejável que sejamos autossuficientes, pelo que o caminho seguramente não passa pelo “localismo globofóbico”, contudo, é indispensável pensar soluções para o nosso espaço rural numa lógica regional, em que o desenvolvimento seja o ponto central, com base nas questões do setor agroalimentar.

## Bibliografia

ADURIZ, Andoni; INNERARITY, Daniel. Cocinar, Comer, Convivir. Barcelona: Destino, 2012.

BAPTISTA, Alberto; CRISTÓVÃO, Artur; COSTA, Daniela; GUIMARÃES, Helena; RODRIGO, Isabel; TÍBÉRIO, Manuel Luís; PINTO-CORREIA, Teresa. Recomendações de Medidas de Política de Apoio aos Circuitos Curtos Agro-Alimentares. Evora: Instituto Superior de Agronomia Universidades de Évora Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2013, vol. 1, pp. 1-51.

BESSA, António Marques; DIAS, Carlos Manuel Mendes. O Salto do Tigre: geopolítica aplicada. Edições de Livros e Revistas, 2007.

CASTELLS, Manuel. The Rise of the Network Society. Hoboken, New Jersey: Wiley, 2009.

CHAGAS, Rodolfo Pereira das. O resgate de fronteiras e a emergência de movimentos nacionalistas na Europa. II Congresso de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território: a integração sul-americana e a inserção das regiões periféricas, 2018, pp. 259-270.

CRISTÓVÃO, Artur; TIBÉRIO, Luís. Comprar Fresco, Comprar Local: será que temos algo a aprender com a experiência americana. In MORENO, Luís, SANCHEZ, M. M.; SIMÕES, O. (eds.). Cultura, Inovação e Território, O Agroalimentar e o Rural. Lisboa: SPER, 2009, pp. 27-34.

- ENFLO, Kerstin; LÓPEZ-CERMEÑO, Alexandra. A Dynamic Von Thünen model: agricultural specialisation patterns in Sweden, 1570-1810. 2017, pp. 1-5.
- FEENSTRA, Gail. Creating space for sustainable food systems. Lessons from the field. *Agriculture and Human Values*, 2002, vol. 19, pp. 99-106.
- FERNANDES, José Pedro Teixeira. O regresso da Geopolítica: Europa, Médio Oriente e ISLÃO. Edições Almedina, 2017.
- FERRÃO, João. Território, última fronteira de cidadania? *Cadernos de Geografia*, 2003, num. especial, pp. 9-12.
- FERREIRA, Carlos. A evolução das teorias clássicas da economia espacial: suas contribuições para a análise de concentração das atividades. Centro de Desenvolvimento e Planeamento Regional da UFMG, 1975.
- GASPAR, Jorge. Os portos fluviais do Tejo. *Finisterra*, 1970, vol. 5, n. 10.
- GOODMAN, David; CRUZ, Santa; GOODMAN, Michael K. *Alternative Food Networks*. 2009.
- GOODMAN, Michael K.; JOHNSTON, José; CAIRNS, Kate. Food, Media and Space: The Mediated Biopolitics of Eating. *Geoforum*, 2017, vol. 84, no 9, pp. 161-168.
- HAESBAERT, Rogério; LIMONAD, Ester. O território em tempos de globalização. *Espaço, tempo e crítica*, 2007, vol. 3, no 5, pp. 7-20.
- HALL, Peter. Introduction. *Von Thünen's Isolated State*. Oxford: Pergamon Press, 1966.
- HARVEY, David. Theoretical Concepts and the Analysis of Agricultural Land-Use Patterns in Geography. *Annals of the Association of American Geographers*, 1966, vol. 56, no 2, pp. 361-374.
- KEATING, Michael. *La independencia de Escocia*. Valencia: Universitat de Valencia, 2012.
- MAMAOT. *Estratégia para a Valorização da Produção Agrícola Local. Relatório Final do Grupo de Trabalho GEVPAL*, 2013.
- MORENO, Luís. *Desenvolvimento Territorial – de um sentido ocidental às orientações coesivas para um meio rural inovador: Caminhos e Caminhantes*. Centro de Estudos Geográficos (CEG), 2007.
- PEET, J. Richard. The Spatial Expansion of Commercial Agriculture in the Nineteenth Century: A Von Thünen Interpretation. *Economic Geography*, 1969, vol. 45, núm. 4, pp. 283-301.

TIBÉRIO, Luís; BAPTISTA, Alberto; CRISTÓVÃO, Artur. Sistemas Agroalimentares Locais e Comercialização em Circuitos de Proximidade. Revista Rede Rural Nacional, 2013.

VAN DER PLOEG, Jan Douwe. The New Peasantries: Struggles for Autonomy and Sustainability in an Era of Empire and Globalization. Earthscan Publications Ltd, 2008.

VAN DER PLOEG, Jan Douwe; JINGZHONG, Ye; SCHNEIDER, Sergio. Rural development through the construction of new, nested, markets: comparative perspectives from China, Brazil and the European Union. Journal of Peasant Studies, 2012, vol. 39, n. 1, pp. 133-173.

WALLERSTEIN, Immanuel. World-Systems Analysis: an Introduction. Duke University Press, 2004.

WILSON, A. I. Villas, horticulture and irrigation infrastructure in the Tiber Valley. In Coarelli, F. and Patterson, H. (eds.), Mercator Placidissimus: The Tiber Valley in Antiquity. New research in the upper and middle river valley. Edizioni Quasar Editors: 2009, pp. 731-768.

© Copyright: Francisco Miguel Pedro Magalhaes, 2020

© Copyright: Biblio3W, 2020

Ficha bibliográfica:

PEDRO MAGALHAES, Francisco Miguel. A atualidade do modelo de Von Thünen. Alimentação em tempos de (des)globalização e consumo de proximidade. *Biblio3W, Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*. Barcelona: Universidad de Barcelona, 20 de septiembre de 2020, vol. XXV, nº 1306. [ISSN: 1138-9796].